

## ENSAIO

# Quem escreve arquiva a própria vida na memória social

## Who writes archives his/her life in the social memory

## Quien escribe archiva la propia vida en la memoria social

Marcos Laffin<sup>1</sup>

Recebido em: 16/10/2018

Aceito para publicação em: 28/8/2019

**Resumo:** Este ensaio literário coloca em movimento um entendimento de memória e escrita como instrumental de desenvolvimento humano. Apresenta excertos da poesia de duas escritoras como representação de memórias da cidade de Joinville. Ao sugerir o não esquecimento como polaridade da memória, reivindica um cotidiano menos apressado e menos imediato. Utiliza-se o ensaio literário por sua condição de provisoriedade, pela transição mutante da polissemia das palavras. Nessa forma, articula linguagem poética e racionalidade, em que procura evidenciar o rigor sem desejar a exatidão, contudo carrega e deixa as marcas subjetivas de quem afirma a autoria. O ensaio eleva-se *na* e *para* a estética e a polidez ao articular o contínuo e o descontínuo da unidade e ruptura, pois em sua finalidade irrompem certas afirmações escolhidas na busca de sua *contrapalavra*. Na primeira parte, “Do átomo à escrita: em síntese!”, fala-se da rudimentar memória como própria do humano, e, sendo biológica, é apenas incipiente no porvir do desenvolvimento que reclama o contexto sócio-histórico para a não alienação. Na sequência, convoca “a cidade e

<sup>1</sup> PhD em Ciências Contábeis. Professor na graduação e no Programa de Mestrado e Doutorado em Contabilidade da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

suas palavras”, para evidenciar a escrita no contexto que reivindica a memória e o não esquecimento. A complexidade e o apressado cotidiano tendem ao imediatismo, à vida sem história e ao esquecimento. Por último, no léxico dos saberes humanos, “quem escreve arquiva a própria vida na memória social” sugere um arregimentar de inventários de interlocuções para combater o esquecimento.

**Palavras-chave:** memória; esquecimento; escrita; literatura; linguagem.

**Abstract:** This literary essay sets in motion an understanding of memory and writing as an instrument of human development. It presents two poetic texts by two writers as a representation of the memory of Joinville city. By suggesting the non-forgetting as a memory polarity, a less hasty and less immediate daily life is claimed. The literary essay is used because of its condition of temporariness, by the changing transition of the polysemy of words. In this way, poetic language and rationality are articulated. So, this text seeks to demonstrate rigor without wishing to be exact, although it carries and leaves the subjective marks of those ones who affirm authorship. The essay rises *in* and *for* aesthetics and politeness by articulating the continuous and the discontinuous of unity and rupture, since, in its purpose, certain statements chosen in the pursuit of its counterword break out. In the first part, “From the atom to the writing: in synthesis!”, the text deals with the rudimentary memory as proper to the human being, and, being biological, it is only incipient in the future of development that demands the socio-historical context for the non-alienation. In the sequence, “the city and its words” are summoned, to evidence the writing in the context that claims the memory and the non-forgetfulness. The complexity and the hurried daily life tend to the immediacy, the life without history and the oblivion. Finally, in the lexicon of human knowledge, “the one who writes archives his/her own life in social memory” suggests a collection of interlocution inventories to combat forgetting.

**Keywords:** memory; forgetfulness; writing; literature; language.

**Resumen:** Este ensayo literario pone en movimiento un entendimiento de memoria y escritura como herramienta de desarrollo humano. Presenta extractos de poesía de dos escritoras como representación de la memoria de la ciudad de Joinville. Al sugerir el no olvido como polaridad de la memoria, reivindican un cotidiano menos apresurado e inmediato. Se utiliza el ensayo literario por su condición de provisoriedad, por la transición mutante de la polisemia de las palabras. En esa forma, articula lenguaje poético y racionalidad, buscando evidenciar el rigor sin desear la exactitud. Sin embargo, carga y deja las marcas subjetivas de quien afirma la autoría. El ensayo se eleva *en la* y *para la* estética y la cortesía al articular el continuo y el discontinuo de la unidad y ruptura, pues que en su finalidad irrumpen ciertas afirmaciones escogidas en la búsqueda de su *contrapalabra*. En la primera parte, “Del átomo a la escritura: ¡en síntesis!”, se habla de la memoria rudimentaria como propia de lo humano, y, siendo biológica, es apenas incipiente en el porvenir del desarrollo que reclama el contexto socio-histórico para la no alienación. En consecuencia, convoca “La ciudad y sus palabras” para evidenciar la escritura en el contexto que reivindica la memoria y el no olvido. La complejidad y el apresurado cotidiano tienden al imediatismo, a la vida sin historia y al olvido. Por último, en el léxico de los saberes humanos, “quien escribe archiva la propia vida en la memoria social”, sugiere un unirse de inventarios de interlocuciones para combatir el olvido.

**Palabras clave:** memoria; olvido; escritura; literatura; lenguaje.

## DO ÁTOMO À ESCRITA: EM SÍNTESE!

Então que se desvela o animal em seu paraíso. Um átomo embrionário que carrega a possibilidade de vida e cultura, pois seu desenvolvimento antecipa os instrumentos necessários ao convívio no mundo. Sua aparente mansidão transforma-o em humano e nele toda a humanidade e suas feições. É a vida em movimento.

O registro e as percepções na travessia das adaptações para o viver constroem memórias que alimentam células e emoções. O humano lúdico e rupestre encrava no tempo um imaginário de arte e palavras: ficam nisso os sentidos e os significados. Eis então que, por divergir de unicidade, surge a polaridade, cercada de suas águas, soletra:

sentido e significado nunca foram a mesma coisa; o significado fica-se logo por aí, é direto, literal, explícito, fechado em si mesmo, unívoco, por assim dizer, ao passo que o sentido não é capaz de permanecer quieto, fervilha de sentidos segundos, terceiros e quartos, de direções irradiantes que se vão dividindo e subdividindo em ramos e ramilhos, até se perderem de vista, o sentido de cada palavra parece-me com uma estrela quando se põe a projectar marés vivas pelo espaço fora, ventos cósmicos, perturbações magnéticas, aflições (SARAMAGO, 1997, p. 134).

Das cavernas à construção de Atenas, atemporal em outros artefatos, passeando pelas ruas de Ítaca, o humano ignora o mercado e as moedas e espalha o significado do canto num universo de sentidos. Dessa forma, a polaridade apenas afirma a coexistência de ambos, sentido e significado, pois aquele que espalha já não segura aquele que move, eclode, deságua e incendeia. O pensamento antecipa o mirar dos olhos e retrai-se para o não esquecimento.

A célula percebe-se em perturbações num contexto de diferenças e avizinha-se das existências. Da percepção e da vigília recupera o sentido e o significado das madrugadas que fazem o tempo. Acorda a memória!

O que é então a verdade? Uma multidão movente de metáforas, de metonímias, de antropomorfismos, em resumo, uma soma de relações humanas que foram poética e retoricamente alçadas, transpostas, ornadas, e que, após um longo uso, parece a um povo firme, canônicas e restritivas: as verdades são ilusões que esquecemos que o são, metáforas que foram gastas e perderam sua força sensível, moedas que perderam sua impressão e que entram em consideração, a partir daí, não mais como moedas, mas como metal (NIETZSCHE, 1978, p. 48).

Eis que então as polaridades veraneiam uma unidade. O animal no humano tem outras feições e a palavra simples de afeto está complexa de metáforas. O que foi verdade? Somente a memória responde! O que é verdade? É aquilo que é para ser a razão do ser. Contudo outros rumores, submersos em forma de inconscientes, emergem outros coletivos de verdades. Não há outra memória senão aquela que conserva a elegância da verdade de ter sido e da verdade do porvir. Eis aqui o movimento que laceia o humano em seus ramilhos de ingenuidade para buscar o sentido das moedas.

Posso esquecer o objeto e então ele deixa de existir para mim, mas, se o guardo na memória (em seu valor), será no nível do que lhe é pré-dado e não do que o faz já-aqui. Para mim, a memória é memória do futuro, para o outro, memória do passado (BAKHTIN, 1997, p. 81).

Coexistem memórias da existência, das ruas, dos bairros, das cidades. O que era átomo e essência se transforma em ideologia, e o objeto transmuda-se em palavras. O objeto torna-se arte, e a moldura chega à metrópole e rende-se ao holocausto da galeria, do mercado, do agenciador.

As moedas constroem a fome do artista e nelas o messianismo desumaniza o átomo, toma dele, pela mais-valia, a sua essência.

Não posso livrar-me da minha responsabilidade para com o objeto e o sentido. Não posso deixar de ser ativo no objeto, pois isso seria subtrair-me ao que constitui meu próprio sentido, seria transformar-me numa máscara da minha própria existência, seria pregar-me a mentira de mim mesmo (BAKHTIN, 1997, p. 81).

Muito além dos muros imaginários há uma constelação de palavras, de sentidos, de significados que constroem a memória. A memória atualiza as madrugadas, o porvir, escreve o presente e abre os registros para a Via Láctea, para o não esquecimento. Perceba-se o anúncio: é mais que mero registro, é a imortalidade da história, dos descaminhos, da liquidez humana na vazante para fluxos temporais de outros saberes. No todo a memória nada tem de artificial, pois que é átomo e essência abertos na história atemporal do humano. A memória requer a estrutura sistêmica e biológica do organismo, mas somente a estrutura biológica a transforma em arquivo. A memória é energia, é vida. É fonte e é ponte para travessias.

As despedidas são sempre dialéticas. No breve roteiro da criação e do fazer da consciência, eis que surge o atalho da imaginação – essa que se distancia do inexistente, essa que sustenta: pode ter sido, se não, ainda o será, pois que já existe! O signo é um sino e como alarde é um sinal, é um outro, é toda a possibilidade. Dessa perspectiva, os mosaicos do inexistente formam um lugar habitável do átomo que eclodiu e que agora carrega sentenças do *ter o que dizer*. Esse permanente movimento do transitório deverá ser profanado para irromper outra verdade, outra sentença, raiz de outra utopia, ou, como diria Manoel de Barros (2006), “tudo o que não invento é falso”, conformando agora novo território de inexistências e de despedidas.

O signo ideológico é o território comum, tanto do psiquismo quanta da ideologia; é um território concreto, sociológico e significante. É sobre este território que se deve operar a delimitação das fronteiras entre a psicologia e a ideologia (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 2002, p. 57).

Uma vez que a função psicológica superior alcança o desejável e o intencional, é capaz de reelaborações em territórios ainda não percorridos, é capaz de trazer presente o inexistente, o imaginário, de forma que a fronteira é mais significante quando designada como superfícies na linha do equador. A ideologia é terreno fértil. É terreno baldio. E, sendo território, é cova aberta para conexões entre as estruturas psicológicas superiores e os sinais que fazem levante entre machados e palavras. O contexto é a própria história que ruge pelo não esquecimento. “[...] é possível viver quase sem lembrança, e mesmo viver feliz, como mostra o animal; mas é inteiramente impossível, sem esquecimento, simplesmente viver” (NIETZSCHE, 1978, p. 58).

É quase repetição, ou seria recorrência descoçar<sup>2</sup> a polaridade memória-esquecimento. A memória é essa fresta instintiva do *quase* sem lembrança. Fresta por onde palavras, pensamentos, diálogos, sentidos, dores e risos sangram e cicatrizam, impregnando células e emoções que

<sup>2</sup> Neste texto, a palavra *descoçar* é uma licença poética, em que a polaridade memória-esquecimento infere que simplesmente viver seria estar no vazio de significados.

se estruturam como antepassados numa genealogia de vida. O *viver feliz* é o eco que insurge sobrepor-se para anular a fresta oca do *quase* que vem a ser o território das ideologias pelas quais os sistemas se movem e se espiam. O instinto animal é quem regula os territórios, já que a memória assume a defesa do esquecimento e nele se transforma em sua fênix.

A memória não confronta o esquecimento nem duela em jogos mortais. Enquanto se transmutam num amálgama de orgasmos, como seiva da vida, abrem-se em talos olímpicos e colossais, em que as hetairas cortesãs violam as castidades: poderia ser orgia se não fosse plenitude. A memória não é promíscua, mas, em que seja libertina, acasala o esquecimento em seu cotidiano, esgota-se nele, refaz-se com ele. A memória é o reconhecimento mais profundo e autêntico da ancestralidade constitutiva do eu e do outro; é essa limpidez de gratidão que reflete no espelho a vida e suas explosões vulcânicas de todos os sistemas cósmicos e da terrenalidade. Vês? A memória é poder, e dele é embrionária toda resistência.

Foi assim que o signo encravado na memória desvelou figuras, ideias mentais, significados, que acoplaram asas aos sentidos, ampliaram as nervuras da cognição, e este alargou as frestas da *quase* lembrança. Sim! O inexistente dessacralizado tornou-se invento do movimento, língua e linguagens. Esse inexistente feito de múltiplos artefatos no tempo fez-se de escrita.

Da percepção do mundo faz-se o contador de histórias e de ouvir faz-se a transmissão da oralidade. O diálogo em sua simplicidade institui no eu o outro e nisso também um outro lugar. O registro anuncia a memória e ensaia grafias, palavras e enunciações. O texto. Os gêneros textuais. O texto é produto da relação dialética entre homem e natureza, pelo qual transforma o trabalho da escrita na compreensão do mundo. Contudo não esqueçamos que a escrita tem sua polaridade na leitura e ela carrega as intenções de liberdade.

No universo polifônico,

Por mais ingênuo que possa parecer, para produzir um texto é preciso que:  
a) Se tenha o que dizer b) Se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer c) Se tenha para quem dizer o que se tem a dizer d) O locutor se institua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz e) Se escolham as estratégias para realizar (GERALDI, 2003, p. 137).

Dessa forma, nutrido por amálgamas da polissemia, é factível afirmar que a memória, como produto da estrutura humana e mediada pelas relações sociais, desenvolve percepções, registros, aprendizagens, as quais carregam significados e sentidos, constituindo pela práxis o trabalho da escrita. Assim, memória e escrita são leituras de mundo.

## A CIDADE E SUAS PALAVRAS

Assim como era no princípio, Joinville também era colônia. Embarcações de imigrantes: uma civilização de medo e fome. O esquecimento relata os europeus, os suíços, os alemães – foi mais fácil esquecer o ainda presente –, convertidos em desbravador. A memória contesta e aponta a servidão: também havia os navios indígenas, negreiros, mestiços. Tanto havia que há um arco e flecha na moldura dourada dos príncipes e das flores. As tintas e o óleo derramaram verniz na servidão<sup>3</sup>.

Explode aqui o arquivo da memória! No Cemitério do Imigrante, negros, suíços e alemães dormem no mesmo espaço, nada vale mais: nome, sobrenome, cores, tudo tão iguais. Na cova que abriu a arrogância lacrou-se a tumba e o registro: não mais-valia!

<sup>3</sup> Em alguns espaços públicos de Joinville, pinturas a óleo enaltecem a Cidade dos Príncipes e das Flores, mas o verniz esquece que a cidade foi feita por uma maioria de imigrantes servis. A face que busca o esquecimento encontra a memória.

A cegueira é escrava daquele que não escava: quem poluiu o rio?

O rio que era doce na nascente, por capricho da natureza, aprendeu o fluxo da salmoura, mas não é essa a sua morte. Empobrecido e estéril, espia em cada lua as imaginárias embarcações que deságuam na Baía da Babitonga. Busca o seu batismo: Cachoeira.

A cidade *quase* esqueceu suas lembranças. Eis que a resistência confronta as engrenagens, e no confronto de suas chuvas frequentes Mila Ramos anuncia suas memórias; como um *Pé de vento* (1985), que vem na “solidão pisada” da “Garça-Branca”, diz em pleno voo: “Cuidado, moço! / Não cutuques ninguém de coração calado, / nem digas ‘oi’ pra solidão nenhuma...” (p. 12).

Em outro poema, logo ali, na “Rua da liquidação”, “o preço é baixo, liquida gente / é o amor liquidando gente” (p. 17).

Essa busca de memórias e do não esquecimento surge no poema “Identidade”: “Ave gigante / quem és, pousada em mim?” (p. 73).

E nos vários embates de permanência surge, entre dor e ternura, “Serenidade” e exclama num sussurro:

Tu me ensinaste a amar mansamente,  
Sem espera, sem pressa, sem angústia,  
Amor que não exige,  
amor que não reclama,  
Amor que nem se atreve mais  
A repetir que ama, ama, ama... (p. 61).

Em 1987, *Na grande noite dos girassóis* abre-se a “Mulher Mundo”, num canto de realidade:

O filho, a cria do silêncio,  
do abandono,  
filho de cão sem dono,  
era quem puxava a saia feito rédea.  
Era a mãe... (p. 46).

*Em surdina* (1989), Mila Ramos tece outras memórias e nos faz arar a “Muda”, numa outra sementeira:

Plantei um pé de mim  
em terra alheia,  
chão sem papel,  
sem escritura.  
Nem posseira eu era.  
Brotei.  
E agora já nem sei  
de quem é  
meu pé de mim  
florindo ali.  
Nem sei, sequer,  
quem colherá meus frutos.  
E isso dói... (p. 37).

Ainda no livro *Em surdina*, no campo em que a agressão ao animal se denomina tradição e cultura, faz-se a “Des-Graça”, que canta a quaresma das tradições:

Meu Deus!  
 Livrai-me da gargalhada  
 do homem  
 que furou o olho do boi!  
 Amém! (p. 55).

Na outra margem do rio, consumido pela desmemória de gratidão, habita Dúnia de Freitas, outra fênix que explode em *Danada* (1990), trazendo canções para todas as memórias. Em “Canção da vida” há todas as canções:

No céu azulado  
 tem flocos nevados  
 de grandes porções  
 Avançam no espaço  
 deixando pedaços  
 da vida, vivida  
 sem pressa, curtida.  
 No céu cristalino  
 tem astro dourado  
 que esbanja energia  
 jorrando esperança  
 irradiando alegria  
 da vida vivida,  
 sem pressa, curtida.  
 No céu invertido  
 tem meu chão batido  
 com verdes variados  
 que dançam com a brisa  
 ensaiando o bailado  
 da vida vivida  
 sem pressa, curtida.  
 No céu escondido  
 um coração bem vivo  
 que explode emoção  
 Se é choro, se é riso  
 importa que é vida  
 da vida vivida  
 sem pressa, curtida (p. 58-59).

Em 2004, Dúnia de Freitas, com outra retina de palavras, abre as partituras do seu campo de escrituras, e com os “olhos envidraçados de memórias” (p. 8) rompe o livro *À beira de mim na madrugada azul*, em que residem metáforas e cardumes de diferentes especiarias, entre eles “Noites de solstício”:

Em noites de solstício  
 o vento esculpe formas multifárias  
 nos canteiros noturnos.  
 Branco sobre o branco  
 Silêncio absoluto.  
 Átomos poentos  
 dançam ao som de Bach  
 o caça-palavras lança sonhos  
 sua isca.  
 Pesca o avesso do universo  
 na escritura do verão (p. 25).

Agora, uma pausa direta para com você leitor: para a rotina das trivialidades e no inosso dos afazeres, talvez a fleuma ingênua aguarde aqui o desfiar de análises léxicas, semânticas, narrativas e outras construções da linguística e do vaporoso cordel de expressões que em cada poesia peleia.

Não serei feliz nesse orgasmo. Minha gratidão é para aqueles que alcançam encontrar o que o outro não disse, não viu, e tampouco gemeu. Contudo é fácil e aromático replicar aqui a afirmação de Gaëtan Picon<sup>4</sup>, apresentada por Junkes (2009, p.11), quando diz que “as estrelas, para existirem, não carecem nem do olhar humano, nem da cosmografia. As obras de arte, no entanto, não existem senão pelo fato de existir um espírito que as acolhe e as ordena”. E, por extensão, seria ainda “inútil ler qualquer comentário sobre poesia sem a leitura vivenciada do poema” (JUNKES, 2009, p. 11).

No conjunto dos estratos aqui enunciados e pela composição das demais obras de Mila Ramos e Dúnia de Freitas, evoca-se a imensurável contribuição da trajetória das palavras, dos registros, dos anúncios do porvir. A memória dos sentidos na polissemia discursiva é de outra ordem, é de outro tempo. Seguramente é factível supor que

uma obra não pode viver nos séculos futuros se não reúne em si, de certo modo, os séculos passados. Se ela nascesse *toda e integralmente* hoje (isto é, em sua atualidade), não desse continuidade ao passado e não mantivesse com ele um vínculo substancial, não poderia viver no futuro. Tudo o que pertence apenas ao presente morre juntamente com ele (BAKHTIN, 1997, p. 363).

Dessa nascente, infere-se que o sentimento presente nas obras citadas se desvela pela vivência própria das mulheres falantes, com expressões do seu universo e por constelações orgânicas do tempo a que pertencem e de como refazem, pelo trabalho da escrita, o tempo e o contexto e o tornam próprio.

Produzir um texto é entrar em sintonia com as relações de sentido. O texto não é um aglomerado de frases, mas sim um todo fazendo parte de uma realidade. Sempre há um diálogo entre o texto e o contexto em que o mesmo [*sic*] é produzido. Sempre ressoam vozes de outros textos no texto que está sendo produzido, mesmo que não haja intenção (MENDES, 1997, p. 19).

Porque o cotidiano deixa seus vestígios ou pelo menos um indício dele ressoa num outro, conservo a prudência, e atento ficarei para não sucumbir à arrogância diante do conhecimento, do dito, do escavado e do escovado. Faço referência a Manoel de Barros (2006), que ao observar a escovação de ossos também passa a compreender o sentido de escovar a palavra. Assim, na arqueologia do cotidiano recolho ainda a consideração de que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1994, p. 224). Essa compreensão do “fato” no tempo em seus específicos constitui o desafio de enfrentá-lo tal como foi e de o expor quando o inusitado inaugura o episódio do escavar, escovar: do conhecer. Na cicatriz dos esquecimentos eis que insurge a memória escovada.

A linguagem não precisa sacrificar o erudito, o clássico, pois que é elegante quando é verdade. Vês? Toda verdade é sempre elegante, poderá ter outros ramilhos, mas será sempre compreensão. As palavras, nesse gênero textual e também em outros, devem assumir a gentileza da sabedoria que carregam, assim, não serão absolutas, pelo contrário, inconclusas, dialéticas, polissêmicas e polifônicas. Sendo abertas, serão universais.

<sup>4</sup> PICON, G. **L'écrivain et son ombre** – introduction à une esthétique de la littérature. Paris: Gallimard, 1953. p. 30.

No complexo e aligeirado cotidiano, geralmente o significado da coisa em si, daquilo que foi átomo e é escrita, torna-se o novo, porém destituído da origem. Em outro porém, aquele novo cuja essência contém a origem, demasiado longa, densa e histórica, refuta o todo por substitutos estratos, pelos quais as vozes ressoam estranhamento. Dessa forma, a estética e a polidez das escavações assombam as mentes alienadas, tecnológicas, fugazes, que em corrediça fuga apreciam apenas um rio poluído.

O cotidiano da madrugada que espera a próxima lua contém o desenlace da rua sem que haja necessidade de apressá-la em atalhos.

A gravidade das horas antecipa o abismo do imediato, no fluxo das ignorâncias.

A mente antropológica, de composição puramente humana, insurge-se contra o tempo digital.

A morfologia asfáltica e descartável condena a poesia ao arquivo morto.

Caminha mecanicamente na direção de sua reprodução em dimensões digitais, exposta em vitrais e esquinas, como identidade não ficcional.

O esquecimento comanda a cidade em ritos festivos e proclama prosperidade, na memória, na quase lembrança do que poderia ter sido.

A poesia e o cotidiano agonizam.

Na memória não há nenhuma perda, nem coisa alguma nela se encobre, e em sua modéstia representa intimamente o que é necessário para viver.

Antecipa defesas no organismo do pensamento, pelas quais combate o esquecimento.

Nisso não há nenhum certo e nenhum erro, há um pensar que se move em direção a algo conhecido, ou mesmo desconhecido, contínuo ou descontínuo, em absoluto controle de ressonância entre unidade e ruptura, entre o ancestral e o descendente.

## QUEM ESCREVE ARQUIVA A PRÓPRIA VIDA NA MEMÓRIA SOCIAL

Os viajantes fazem seus itinerários, e aqueles que ocupam a memória como poder aprendem que o cotidiano é sempre um esboço da realidade, posto que ela é imensuravelmente múltiplas memórias.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204).

Refazer a trajetória da apreensão das palavras liberta da ingratidão e dos delitos de estar alienado no mundo, ao mesmo tempo em que incita recompor um dicionário de léxicos saberes para superar o esquecimento. Assim, para os viajantes, a dúvida faz-se transitória e por isso será sempre um atalho provisório.

Não se busca reconciliação com o esquecimento, pois a memória é compromissada de questões cruciais e segura de ser guerrilheira na incompletude. A colônia virou metrópole e concretou a essência das ancestralidades: raízes de letras e de histórias. A cidade e seus viajantes construíram seu arquivo histórico, mas não construíram a travessia entre o rio poluído e a apropriação da memória. Os andantes cegos e sem livre-arbítrio são descendentes do esquecimento cultural.

Constroem-se divindades e andares suntuosos, escassos de palavras e de memórias.

Outrora, a arte de construir respondia, sobretudo, à necessidade de manifestar o poder, a divindade, a força. O palácio e a igreja constituíam

as grandes formas, às quais é preciso acrescentar as fortalezas; manifestava-se a força, manifestava-se o soberano, manifestava-se Deus (FOUCAULT, 1979, p. 212-213).

Não há escritura para tombar a alienação do vil metal, que transforma a cidade em engrenagem multifacetada e navega sorridente à beira do rio poluído. Mesmo que árvores passem a esconder suas margens, suas copas não suportam o odor e a escuridão que se avoluma naqueles que apenas conhecem a própria rua e desconhecem o bairro. Aqui o esquecimento se antecipou e se disfarçou com a cicatriz de Cidade das Flores, como se isso amainasse o seu fedor. O rio agoniza, mas confronta a memória!

A cultura lateja nas instituições operacionais e fervilha como um conta-gotas em brindes e recitais de anedotas circenses: o Palhaço não está alienado, sobrevive ao imaginário de sua representação.

Para confortar o Palhaço, certifica-se de que a memória tem sua origem na condição histórico-cultural, enquanto o esquecimento apenas vive na esfera biológica da representação momentânea. Por isso, a memória distancia-se de ser apenas passado e constitui-se de forma imanente à identidade transcendente nela mesma.

Assinala-se, aqui, uma identidade ao esquecimento, e o fazemos sem intenção de distorcer Pêcheux (1997). Contudo acredita-se que o esquecimento assuma a identidade do vazio, com uma índole de rejeição por aquilo que poderia desenvolver e por isso se alimenta da memória para instituir-se em ser e ter o que dizer.

A partir dessa origem, o entendimento de democracia, traduzido de uma possível compreensão do livro *Alice no País das Maravilhas*, indicia que tudo é negociável na vida cotidiana, tendo como barganha, sempre, os seus esquecimentos. Do mergulho ao imaginário do espelho, as personagens confundem-se e, ao acaso da ignorância do saber aonde chegar, qualquer caminho será possível.

O aroma do Cachoeira é uma nuvem de memórias na vazante do lucro, nesse lugar o esquecimento se aloja no inconsciente. Nuvens saboreiam a memória esquecida, servil, desperta consciente. A memória, ao fazer-se aliada do esquecimento, nele instalou a resistência, que, polarizada, por não entender suas próprias denúncias, fica sob o domínio subterrâneo da memória, que, como dissemos, nunca, nada perde. É assim que o esquecimento reprimido cria seus holocaustos.

A cidade, em sua nova acepção de memória, ainda não decifrada pela nova biologia, substitui a ancoragem de memória coletiva por memória seletiva. Todavia com base em estudos ainda em desenvolvimento e rastreados por pareceres intangíveis, os quais indicam a necessidade de instaurar centros de memória do esquecimento. A descendência desses centros indica resquícios da suposta enteada da memória, cuja importância ainda não se define com precisão, pois que a decisão desse decreto é ambígua na formal burocracia e encontra estranhamento na homologia da escrita. É certo que novos pesquisadores serão designados para estabelecer procedimentos de memorizar indicadores para alfabetizar o contingente de analfabetos funcionais. A cidade canta o seu hino!

O Hábito é a síntese originária do tempo que constitui a vida do presente que passa; a Memória é a síntese fundamental do tempo que constitui o ser do passado (o que faz passar o presente) (DELEUZE, 1988, p. 142).

O que reclama este texto? Que memória surge? Quais registros busca desvelar? Busca desvelar o concreto do presente no sujeito da escrita e torná-lo pleno no tempo vivido, como sujeito de interação. A memória do passado contém o átomo do concreto feito e libertador das estruturas herméticas. Há grandeza em tudo, e não conformo a simetria da resposta. Apenas pergunto.

Luz de arlequim: a cidade tem memória e em atenta vivacidade sabe que a pressa se faz em exímio negociante, deseja assim a mais-valia do esquecimento, mas sua altivez não sucumbe à sedução de ressentimentos niilistas e não aniquila por barganha o tempo da vivência.

Mila Ramos e Dúnia de Freitas, uma mística de representações, lâminas que escolhem a cidade inteira, que finge ser intangível, juntas anunciam o bom combate no contraste de Sísifo; sem escritura e sendo posseiras, apropriam átomos poentos, dançam e tomam posse da escritura e da cidade. O bom combate anuncia a chegada do outro sem que o eu seletivo se ocupe em decidir pelas outras presenças<sup>5</sup>.

Viajante refeito, transitei por ruas ainda descalças, desnudas da *não identidade*, e é possível arregimentar um inventário de memórias-filhos-netas-sobrinhas, de uma arqueologia ancestral de cultura, que resiste ao esquecimento. Eis o que reclama o texto: resistir ao esquecimento das interlocuções da cidade, com a memória de suas ruas e praças.

Arquivar a vida na memória social é construí-la nos movediços sentidos e significados das palavras, é profaná-la como sujeitos que possuem o universo como metáfora de todas as possibilidades.

Conhecer significa resistir ao abandono, conhecer é relutar à contingência mercadológica e displicente que impõe à memória a mecânica do arquivo, pois a história não justifica nenhuma pausa, posto que quem escreve arquiva a própria vida na memória social.

## INCONCLUSÕES – MOMENTÂNEAS!

Vede os relógios de Sol. Pode-se, após alguma reflexão, continuar a crer que Anaximandro de Mileto, quando fabrica quadrantes, quer apenas facilitar a divisão do dia em horas? O que ele pretende é converter a luz solar, seu giro harmonioso, numa flor geométrica que feneça ao anoitecer (LINS, 2005, p. 165-166).

Plantei nos arredores da terra um punhado de palavras que, a princípio, não tinham intenções. Apenas civilizar. E civilizar é uma palavra que muito se embruteceu. Forma descendentes quase irreconhecíveis, às vezes parecem de outro sistema. É assim que a narrativa, não mais hermética, pode nascer de outra forma: atemporal.

A palavra com tal rudeza poderá compor sua semântica de realidade.

Mortal, não pertence à morte; histórico, rompe as limitações de uma aparência familiar. Conciliam-se, nele, hóspede dos dias e das noites, abrigando no seu corpo os zumbidos das abelhas imóveis e suspensas, as duas faces do tempo (LINS, 2005, p. 340).

Do espiral que abrigava, nascia o desejado.

Letras ficaram diferentes e os ouvidos possuíram outras entranhas.

Narrativas regadas em tempo, estendidas sob a cidade poluída, dormem no mesmo território em que príncipes plebeus nada mais defendem.

A cidade não mais flutua!

Quais mistérios existem na escrita? A palavra quando apreendida cria ruídos, zumbidos em sua solidão.

<sup>5</sup> Os termos *mística/lâminas* reúnem, nessa alforria, a devoção pela verdade poética que se registra em metáforas. As duas mulheres contrariam Sísifo, empurram as pedras das desigualdades sociais sem escrituras, sem a necessidade de alguém as declararem escritoras, e, sendo posseiras dos eventos da cidade, se apropriam da mansidão das palavras para questionar o dito, o desfeito.

Finca-se em mente estéril como produto do vazio.

No entanto a palavra, quando está em seu coletivo, como um cardume voraz, ensaia duelos com o imaginário alheio, do qual somente se alforria na plenitude da estética e da arte.

Essa alforria não representa nenhuma leveza, como se fosse um domesticar do rio, do texto, do gênero.

Essa leveza é por apenas saber-se princípio, pois que o outro é ainda construção do coletivo de palavras.

Qual a possibilidade da palavra explosão ter-se feito de vida?

Há quem busque a certeza histórica, sem nunca ter vivenciado a palavra aberta.

É preciso escavar!

É atividade arqueológica, é tempo, é fato, é memória.

Não há neutralidade quando se age sobre a natureza das coisas.

O agir é o confrontar-se com sua condição de ser e de não mais ser.

Quando a memória brinca com o esquecimento, fazendo-se sua escrava, intencionalmente se deixa usar.

Na sabedoria troca as peles com o esquecimento sem que ele o perceba.

Este é feito de vazio, outra memória nele se constitui.

Dialética é, também, apenas o olhar!

Manifesto inexoravelmente as preferências, e o imaginário é sempre preferível à realidade.

O imaginário está presente entre todas as coisas.

Querido e amado leitor, de ressalva, a questão de gênero textual é para toda aquela pessoa que lê, e não há melindres, pois ocupa um sábio lugar.

Assim, respondo as tuas insinuações, e de antemão concordo contigo: não existem verdades, tudo é inconcluso!

As tais certezas são as mesmas muletas de Brecht ou mesmo os possíveis crucifixos, armaduras no peito.

O objeto da escrita decorre das múltiplas vivências dos mundos habitados, lembra?

O imaginário irrompe a realidade!

O microrganismo, de átomo, ampliou a palavra, deu-lhe sentido e significado, atribuiu-lhe essência, transformou-a em universal, sem fronteira.

Vês? O trabalho mudou o sujeito. Fora dele não há outro fenômeno a conduzir-lhe, senão seu imaginário.

Os lapsos da cidade, desde Ítaca até Joinville, são risíveis à alienação consentida, mas que são mortais, no vazio do esquecimento!

Espero tua *contrapalavra*, peço-te não demores cem anos, a solidão talvez me fará asfalto.

Os andaimes em construção são uma arquitetura, não soberana, mas cativa aos poetas e suas poesias.

“Cuidado, moço”, os desenhos e caricaturas existentes nas pedras indicam que a história não justifica nenhuma pausa.

Os “poentos” servirão para escrever e arquivar a própria vida na memória social.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria E. Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, M. **Memórias inventadas** – segunda infância. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas v. I).

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. O olho do poder. In: MACHADO, R. (org.). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 209-227.

FREITAS, D. **À beira de mim na madrugada azul**. Joinville: Letradágua, 2004.

FREITAS, D. **Danada**. Joinville: Ipê, 1990.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins, 2003.

JUNKES, L. Horizontes do tempo. In: LAFFIN, M. **Tempo dentro do tempo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

LINS, O. **Avalovara**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

MENDES, A. E. C. **A dimensão social da aprendizagem**: análise das dificuldades da construção de texto na sala de aula. Itapetininga: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Associação de Ensino de Itapetininga, 1997.

NIETZSCHE, F. W. **Obras incompletas**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, T.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1997.

PICON, G. **L'écrivain et son ombre** – introduction à une esthétique de la littérature. Paris: Gallimard, 1953.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1992.

RAMOS, M. **Em surdina**. Joinville: Ipê, 1989.

RAMOS, M. **Na grande noite dos girassóis**. Joinville: Ipê, 1987.

RAMOS, M. **Pé de vento**. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

SARAMAGO, J. **Todos os nomes**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

VOLOCHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2002.